



O SABER DOS LIVROS

Maria Alzira Seixo

# Os Profetas, de Alice Vieira De Porto-Santo e de livros

**B**elíssimo texto, o de *Os Profetas*, de Alice Vieira! Uma revelação, para quem a via cantonada na difícil tarefa de escrever para idades em formação, com o talento que sabemos. Ou recreativas incursões pela ficção parodística, de verve despreconceituosa e contagiante. Mas toda a veia lírica lhe assoma neste inesperado romance 'adulto', no discurso límpido mas denso de sentido da Muda de Duarte Lourenço, que em menina guarda ovelhas e vacas pelo território da sua ilha de Porto Santo: "Nunca pensei que houvesse algum lugar no mundo que não cheirasse a mar. / Alguma terra que não estivesse coberta de urzes, zimbro, corgos e dragoeiros", espécie de refrão que situa e evoca, e desperta no leitor, pela sugestão rítmica e prosódica, a capacidade de transcender o que é narrado - levando a que esse narrado se grave mais fundo em nós. Tolhida das pernas ao procurar em vão seu gado tresmalhado, e permanecendo no mar, durante horas, a ver se o descortinava, a adolescente será arrancada à paralisia por artes de seu tio Fernão Nunes, que depois a ensina a ler.

E é aí que o verdadeiro milagre se dá, quando ela frequenta os livros escondidos pelo tio, e por eles acede à consciência que proporciona a iluminação do espírito, beneficiado pelo saber, na clareira que este abre no mundo de trevas que tem sido o da sua ignorância e servidão. *Os Profetas* é, de certo modo, uma alegoria fundada no poder da leitura, e a história baseia-se em episódio recolhido de Gaspar Frutuoso, centrando-se no paraíso paisagístico de Porto Santo e, em contraponto, na azáfama colorida da Rua Nova, a artéria vital da Lisboa quinhentista durante a trepidante azáfama do comércio dos Descobrimentos. E Lisboa é atracção, para quem vai de fora, mas também perigo, pois nos seus bairros se vê a vida difícil das gentes, que emerge na narração menos em panorama que de modo individualizado, nesse tempo que é também de horror, quando os esbirros de D. João III, chamado pela História o rei Piedoso, atiravam com grande parte dos seus súditos para as fogueiras da Inquisição.

Filipa Nunes, a menina, fisicamente recuperada, acompanha

seu tio e salvador na compreensão, pelos livros, de que a vida em Porto Santo não é só paisagem, e que trabalhar sem o merecido proveito é injúria feita por quem pode e manda, na "vida de escravo de todos nós, a cavar a minguada tira de terra [...] e a cuidar dos rebanhos de nosso-senhor". E ambos são proclamados profetas na sua ilha, pelo povo que os segue, graças às ideias de libertação de jugos vários que eles começam a transmitir, mas em breve os denunciam os clérigos como heréticos, e são embarcados para o continente e queimados em Évora pela Inquisição. Filipa escapa, confundida com os corpos dos mortos mas exalando ainda vida (essa respiração que decerto bebera no cheiro a mar e a zimbro da sua ilha); já velha, recorda, na narrativa, em monólogo evocativo e descritivo que a passos se confunde com a narração autoral, mas se mantém personalizado, a vida acidentada em sobressalto e carinho que foi a sua, inculcando-se como voz do que testemunha e julga.

A singularidade do texto está logo em que essa voz é a de alguém que se vê entretendo privado da

fala, e de quem o romance faz ouvir os gritos emudecidos. Insinuando-se o sentido de que a deficiência física não tem a ver com a intelectual e moral, na vertente parcialmente alegórica, o texto contamina-se de lenda, de factos, de lugares sabidos e de outras espécies de património, o bom e o pior, e consiste numa narrativa de cariz poético (bem mais que romance) que dá conta da luta, calada e eterna, contra a prepotência, a tacanhez e o desconhecimento, em prol de um quotidiano esclarecido e em paz. É isto que a Muda nos diz, na sua procura insana do gado perdido de nosso-senhor, no seu encontro do companheirismo, do amor e da sabedoria: " - E o que pode valer mais que todo o ouro, e toda a prata, e todas as pedras preciosas? /", perguntara ela de início ao tio. Ele responde: " - Livros." E ela: " Tive vontade de rir - mas não ri."

Aqui, não é a mudez que a cala, mas o tácito da compreensão. E, com a leitura, a Muda em quem a escrita vem substituir a voz que lhe faltou (que lhe calaram) escreve: "Os meus olhos abriam-se de repente para novos mundos, que tinham estado sempre à minha frente, só que eu não os podia compreender". E, nesse tempo áureo dos Descobrimentos, é a descoberta de todos os mundos que se enfatiza e urde (os de cada um também, em modo interior e imaginado; e os contra-mundos, ou por descobrir), em especial os da capacidade do discernimento humano, pela aprendizagem e pela crítica. Sem fugir, muito pelo contrário, à sedução do exterior, em que à paisagem e carácter porto-santenses ("Porto Santo há-de ser sempre um mistério") se junta o colorido histórico de Lisboa, com efeitos vibrantes de cor local: o movimento da Rua Nova, as procissões, o bairro da Sé, a figura do Rei Desejado, as referências a Damião de Góis, conhecido da nova família de Filipa, marcando o território ideológico e humanista, e o seu crescimento de mulher. Salva da morte por alma compadecida, emudeceu, mas encontra um companheiro (livreiro, não por acaso!), e a vida continua-lhe até que termine o relato.

O que é literariamente relevante é o modo como uma história acidentada e cheia se contém em abertas e escassas páginas. Num modo de narrar que se apoia no



Alice Vieira Um romance que joga com vários planos da história e tipos de personagens



**De inspiração histórica, libelo contra a exploração e a ignorância em todos os tempos - não será *Os Profetas*, e profundamente, um livro de hoje?**



► Alice Vieira  
**OS PROFETAS**  
Caminho, 172 pp, 15 euros

parágrafo breve (não predominam os que têm mais que cinco linhas, em letra relativamente grada), de tipo destacado e criador de imagens, mais que comunicador da informação. Função esta que também lhe assiste, e de modo significativo, sim, mas textualmente secundarizada pela ausência de hipotaxe (a subordinação explicativa e hierarquizadora na nivelação narrativa), o que a coloca em pano de fundo. O que avulta é, pois, a expressividade e a emoção, numa espécie de convocação anímica directa do leitor, de modo idêntico ao que usa tradicionalmente a poesia lírica. Mesmo quando o parágrafo se mostra de domínio narrativo, o seu isolamento gráfico, rompendo com a ligação textual contínua, e privado das subordinações, dá-o mais como quadro de expressão verbal que como seu enquadramento; como texto válido em si que como constituinte do contexto. E só não secundariza a história contada porque constantemente a reitera.

Para essa reiteração contribui a

temporalidade cronologicamente descontínua do relato. Parecendo a princípio uma espécie de inabilidade narrativa (o conhecedor da obra infanto-juvenil de Alice Vieira pensará nos troços narrativos que valem em si mesmos, como unidades de apreensão do discurso que facilitam a leitura com pouca prática), vem a revelar-se eficaz, por se reportar a uma mente abalada por terríveis e dolorosos sucessos, criando efeitos de verosimilhança na construção substancializada do texto, de adjetivação escassa. Também a frase é curta e limpa, como os parágrafos, sugestiva e cadenciada. Encantatória. E a beleza da ilha, comunicada pelo conjunto das árvores cuja designação lavada (e odorífera) convizinha o mar, confunde-se de imediato com a beleza do romance: verbal e representativa, nos sentimentos simples e decisivos e nos nomes das coisas, que ressoam fundo no sentir de quem medita sobre os enigmas da existência (a personagem) e a maravilha da criação (o leitor). >

> De extrema simplicidade narrativa na aparência, *Os Profetas* é um romance que joga com vários planos da história e tipos de personagens, mas nesse jogo não enreda o leitor. Antes ensina, também. Ensina pelo menos quem depara com esta sua aparente simplicidade de construção. Dando a ver, por exemplo, que um romance que se faz sobre a História pode não ser histórico, mas lidar com ela como se lida com a paisagem, não sendo por tal forçosamente regionalista. E incidindo fortemente na componente lírica da tessitura poética. Seu excelente antepassado que nos deu *Eurico, o Presbítero*, maravilha do grande romance histórico português, é também, sabêmo-lo, cultor da componente lírica em vários dos seus capítulos. Mas em *Herculano a História* reina, e em *Alice Vieira* é sobretudo a lenda que rege a fábula, sendo antes a História um cenário ambiente, tal como o é a paisagem.

E quando verifico que, para as personagens porto-santenses, a vida não é paisagem, quero significar também que a História aqui envolvida não é tanto História (enquanto discurso resultante da observação reportada do passado) mas um processo de localizar, em espaço e tempo, formas de escravidão e de tortura que destroem o ser humano em todos os tempos. Por isso, entendo que as componentes da ficção, neste romance (História, frase de tipo lírico, brevidade do conto, caracterizações sumárias mas impressivas, reiteração de tempos) se formulam conjuntamente em urdidura de encanto: a escrita de parágrafos curtos, suspensos como versos, por vezes sacudidos como em respiração entrecortada de quem os pensa, e escreve. Em suma: escrita versicular, que lembra estilisticamente (e volto a *Herculano* e à sua escrita poética) um texto como *A Voz do Profeta*, tão envolto em esquecimento, e que, a vários títulos, é útil recordar aqui - e é pena a antologia recente de *Herculano* em edição aliás excelente (org. por Vitorino Magalhães Godinho, Machado Pires e M<sup>h</sup> Helena Santana, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2010), não contemplar nenhum fragmento deste livro, talvez pelo romantismo exacerbado, ou por inspiração próxima do seu modelo, Lamennais, mas tão útil para a estética do fragmento que tem seduzido o mundo literário.

Ora o título de *Herculano*, *A Voz do Profeta*, é até boa súpula (em motivos literários e conteúdos) do livro de *Alice Vieira*, que vai em sentido contrário (crítica do extremismo religioso), mas esteticamente permite recordá-lo pela valorização da palavra que ultrapassa o mundo sensível, seja a da comunhão com o transcendente, no poeta de "Arrábida", seja, em *Os Profetas*, a da iluminação pelo conhecimento.

De inspiração histórica, libelo contra a exploração e a ignorância em todos os tempos - não será *Os Profetas*, e profundamente, um livro de hoje? **JL**



## OS DIAS DA PROSA

### Miguel Real

# Uma pequena obra-prima

**U**ma das grandes novidades literárias deste século reside no facto de que os novos autores parecerem, paradoxalmente, nascer "adultos". Desde os primeiros romances de José Luís Peixoto e Gonçalo M. Tavares, em 2000 e 2001, cada novo autor (João Tordo, Valter Hugo Mãe, David Machado, Paulo Moreira, Pedro Almeida Vieira, Raquel Ochoa, Patrícia Portela, Joana Bértholo, Sandro

William Junqueira, Afonso Cruz, João Ricardo Pedro...) cria textos tão maduros e tão literariamente sofisticados que o epíteto de "primeiro livro", como sinónimo simultâneo de "talento" e "imaturidade", parece não resultar. Se, no passado, se dividia a obra de um autor entre romances juvenis, ou primeiros romances, fortemente influenciados pela obra de autores passados ou coevos, e romances de maturidade, com temática, léxico e estilo próprios, hoje, à entrada do século XXI, este facto parece ter-se alterado radicalmente e os novos autores parecem nascer "adultos". É o caso da recente publicação de *Sandokan & Bakunine*, de Bruno Margo, uma pequena obra-prima da construção romanesca. Desconhecemos a profissão e a idade de Bruno Margo. Sabemos apenas ser este o seu primeiro romance, finalista do Prémio Leya, óbvia garantia de qualidade. E, de facto, a qualidade é imensa.

Em primeiro lugar, o nível vocabular, abstrato e coerente na totalidade da narrativa, enformado de amplos conhecimentos culturais. Não se trata de um romance escrito com o coração, deixando a pena correr. Ou um romance ideológico, dotado de uma mensagem (moral, política, social) clara. Ao contrário, é uma narrativa profundamente meditada, dotada de um léxico superiormente exigente, com as palavras seguintes a desconstruírem o sentido das antecedentes e os capítulos posteriores a lançarem pistas contraditórias sobre os anteriores. Um romance impertinente, desafiador, que afronta o leitor, o força a tirar apontamentos para seguir o fio da história, que, por vezes, parece ser de meros apontamentos presentes sobre apontamentos do passado (notas, diários, cartas, recordações, impressões de viagem), sem um sentido preciso que aponte para um fim explícito. Um romance a fazer lembrar a dança das interpretações em *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977), de José Saramago.

Em segundo lugar, a congeminação especiosa da história narrada, como a foz em delta de um rio povoado de esteiros e ilhéus, história labiríntica mas clara, desdobrada em inúmeras pequenas histórias em torno das férias de Artur na Vivenda das Perdizes. Através da vivência de Artur (o quarto, a mata, o largo da vila, o restaurante, o bar...), desenrola-se a história da totalidade da sua família, dos seus amigos e conhecidos de férias, a que se junta o desaparecimento de Joana, uma adolescente.

O romance narra a história de Brandon Aston Barrow, explorador (ficcional? Não encontramos referências a este nome na internet) do século XIX, assassinado através de uma mariposa-vampiro por motivos de honra por um chefe-feiticeiro da Papua Nova Guiné e cujo diário é descoberto e publicado já no século XX por um antropólogo russo, Gudánov, que, por sua vez, se desconhece ser ou não o heterónimo de um escritor guatemalteco. Barrow, irlandês, criação de um russo, por sua vez criação de um guatemalteco, por sua vez criação do narrador português - jogo de espelhos de jogo de espelhos, de que se desconhece o fundo real, o travo de fidedignidade e a verosimilhan-

ça, e cujas representações se estatuem como imagens de imagens de representações - eis a totalidade do conteúdo de *Sandokan & Bakunine*: um "eco de eco" narrativo e visual, cujo brilho literário assenta na crise de representação que desde a segunda metade do século passado atravessa a historiografia do romance europeu e deu (tem dado) alguns dos melhores romances portugueses.

Por via dos familiares de Artur (Beatriz e José, pais de Artur; Fernando e Arménia, tios maternos; Lurdes, tia paterna; Rute, irmã...), de *Sandokan*, detetive aparentemente criado pela imaginação de Artur, do cão Bakunine e do grupo de rapazes e raparigas da vila, decorre a vida lenta das férias, cruzada com recordações (umas verdadeiras, outras inventadas, como a viagem de Lurdes à Suíça, inspirada no autocolante de férias de uma mala) do passado de cada personagem e animada pelo desaparecimento de Joana, posteriormente descoberta morta numa casa em ruínas, desconhecendo-se se a causa do

suicídio se relacionaria com a relação havida com Fernando. Suicídio inspirado num conto do autor (não do narrador) escrito após um acidente de viação. Neste sentido, o real, a realidade, é estatuída em *Sandokan & Bakunine* não como elemento forte, sólido, enquadrado nas categorias de tempo e espaço, mas apenas como inspirador da escrita narrativa. Eis o verdadeiro estatuto da realidade neste romance - ser um mero inspirador do texto.

Finalmente, a conceção da estrutura formal da narrativa, fragmentária, acolhendo três tempos diversos (século XIX, finais do Estado Novo e a atualidade) e diversíssimos espaços, inúmeras pequenas histórias, umas mais sentimentais (paixão de Artur por Otilia), outras mais intelectuais (interpretação de quadros, referência a obras clássicas...), todos estes elementos unidos pela intemporalidade do ato de narrar, num português fluente mas, repetimos, intelectualizado. No interior da estrutura ganham destaque as observações do autor inscritas na importantíssima "Introdução" (aparente roubo do computador e inscrição do romance inacabado na internet), operando a distinção entre autor e narrador e introduzindo uma segunda narrativa por via das contínuas notas de rodapé, do autor, de leitores críticos e de ensaios literários referenciado na "Bibliografia".

Nesta segunda narrativa, reconstruem-se, desconstruem-se, elucidam-se, criticam-se, evidenciam-se imperfeições, inspirações relativas à primeira narrativa. Integrada na estrutura formal do romance, a segunda narrativa não constitui uma história paralela à história de Artur e não se constitui, igualmente, como um esclarecimento ou ilustração da primeira. Não. Constitui parte integrante do romance, que não pode ser lido e interpretado sem as notas. Prova: *Sandokan & Bakunine* sem as notas é um romance; *Sandokan & Bakunine* com as notas é outro, radicalmente diferente. **JL**



Bruno Margo

**Em *Sandokan & Bakunine*, de Bruno Margo, a realidade não é um elemento forte, enquadrado nas categorias de tempo e espaço, mas apenas inspiradora da escrita narrativa**



> Bruno Margo  
**SANDOKAN & BAKUNINE**  
Teorema, 184 pp, 13,90 euros